

Rubem Alves e a ideologia do prazer

Fernando Vieira Peixoto Filho

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Resumo: A obra multifacetada de Rubem Alves segue influenciando milhões de estudiosos, no Brasil e no mundo. O aspecto plural de sua bibliografia reside em grande parte na formação, também múltipla: educador, psicanalista, teólogo, pastor; escreveu em diversos gêneros, desde autoajuda até contos infantis. É preciso reconhecer, todavia, que o ponto nevrálgico da literatura de Alves reside no âmbito pedagógico. Rubem Alves é, sobretudo, um educador. A partir dessa proposição, faz-se no presente ensaio uma análise sobre aspectos antropológicos, linguísticos e ideológicos presentes na obra do educador mineiro, passando por fatores biográficos e adentrando o terreno da sua formação, a qual concorre definitivamente para sua perspectiva pedagógica. Mais estritamente, tomando como verdadeira a premissa de que a ideologia existe e pode ser depreendida da obra de qualquer pensador, busca-se identificar marcas ideológicas em dois textos exemplares na obra de Alves: *Urubus e Sabiás* e *Pinóquio às Avestas*.

Palavras-chave: Rubem Alves. Ideologia. Linguagem. Educação.

Abstract: The multifaceted work of Rubem Alves continues to influence millions of scholars in Brazil and around the world. The plural aspect of his bibliography largely resides in his diverse background: educator, psychoanalyst, theologian, pastor; he wrote in various genres, from self-help to children's stories. However, it is important to recognize that the focal point of Alves' literature lies in the pedagogical realm. Rubem Alves is, above all, an educator. Based on this proposition, the present essay analyzes the anthropological, linguistic, and ideological aspects present in the work of the Minas Gerais educator, considering biographical factors and delving into the terrain of his formation, which definitely contributes to his pedagogical perspective. More strictly, taking as true the premise that ideology exists and can be inferred from the work of any thinker, this study seeks to identify ideological marks in two exemplary texts from Alves' work: *Urubus e Sabiás* and *Pinóquio às Avestas*.

Keywords: Rubem Alves. Ideology. Language. Education.

RUBEM ALVES NA CENA CULTURAL BRASILEIRA

Rubem Azevedo Alves (15/09/1933 – 19/07/2014) é um pensador multifacetado; e essa sentença com verbo no presente decorre do fato de a obra não morrer, diferentemente da nossa casca corporal: *vita brevis est, opus est aeterna*. A obra do educador mineiro, portanto, permanece vigorosa, influente e seus textos ainda inspiram milhões de estudiosos, no Brasil e no mundo.

O aspecto plural da biografia de Rubem Alves se deve à sua formação, também múltipla: psicanalista, teólogo, pastor e, acima de tudo, educador. Escreveu em diversos gêneros, desde autoajuda até contos infantis. Contudo, é preciso reconhecer que o ponto nevralgico da literatura de Alves reside no âmbito pedagógico. Rubem Alves é, sobretudo, um educador.

Por outro lado, para fotografar esse educador na cena cultural brasileira, cumpre lembrar sua verve religiosa e o envolvimento com as origens da Teologia da Libertação. Não se quer dizer aqui que Alves seja um teólogo da Libertação, no sentido estrito cunhado por nomes como Frei Betto e Leonardo Boff, mesmo porque sua estrada não saiu do campo evangélico para o católico. Segundo Cavalcante,

Rubem Alves não foi um teólogo da libertação, pelo menos não o foi *stricto sensu*, quer dizer, no sentido daquela militância que marcou a trajetória acadêmica e pastoral dos principais epígonos desse movimento teológico. A sua produção acadêmica testifica isso. Nos anos 80 ele se magoou por ter tido seu nome vetado por Frei Betto em um importante encontro de teólogos da libertação em São Paulo, uma vez que vinha dando contribuições bem interessantes na temática libertacionista em vários encontros latino-americanos. Então, se levarmos em conta que toda história possui uma pré-história, aí sim devemos concordar que suas ideias de igreja e da fé cristã e a conexão com o espírito revolucionário anteciparam em alguns anos várias afirmações que vieram a lume na Teologia da Libertação. Por isso, seu pensamento poderia ser posto como proto, anterior e que, num primeiro momento, serviu como protótipo, modelo. (2020, p. 68-69)

No que concerne estritamente à questão religiosa, importante para certo romantismo com que Alves enxerga o processo educacional, o que se deve reiterar é que, embora tenha havido algum rompimento com a igreja protestante, o educador mineiro não adentra o movimento católico de base que dá origem à Teologia da Libertação; em vez disso, concentra suas atenções no fazer educacional, questionando, por exemplo, o *modus operandi* por meio do qual se faziam as seleções vestibulares.

Profundamente influenciado pelas ideias de Richard Shaull (24/11/1919 – 25/10/2002), a partir dos trabalhos de mestrado e doutorado, ambos em solo norte-americano (*New York Union Seminary* e *Princeton*, respectivamente), Rubem Alves abandona gradualmente os

dogmas religiosos, a feição metafísica de seu pensamento, para chegar à Universidade de Campinas e elaborar uma espécie de Pedagogia do Prazer: “os poemas voltaram a ser lidos, os moços brincavam com suas flautas e seus violões sem dores de consciência, e das ciências e artes eles se dedicavam àquelas que lhes davam prazer” (Alves, 2012, p. 08).

LINGUAGEM E IDEOLOGIA EM RUBEM ALVES

Para abordar a questão ideológica em Rubem Alves, antes de mais nada cabe a delimitação do vocábulo *ideologia*, considerado aqui em sua vertente historiográfica e linguística. A apreensão de um parâmetro ideológico nos textos de Alves é possível porque

Há (...) na língua mais do que a inocência da informação. Como observa Ducrot, mais do que condição de vida social, a língua se apresenta como poderoso determinante de modo de vida social, como uma espécie de tratado dos deveres, espécie de atividade jurídica cujas regras, explícitas ou implícitas, envolvem o homem, como teia sutil de subentendidos e pressupostos, submetendo-o a um incessante confronto de subjetividades, constante jogo de intenções onde a aposta menor é o risco de comprometer-se. (Vogt, 1980, p. 41)

Em outras palavras, uma vez tornados públicos, os textos de Rubem Alves ganham corpo e vida própria, denunciando sua ideologia libertária, amorosa, profundamente incomodada com as competições que visam à inserção em *topoi* sociais, como um lugar nos bancos universitários. Embora a matéria linguística não se tenha transformado em foco principal das preocupações de Alves, “las actitudes y actividades emprendidas con respecto a la lengua también están marcadas por posicionamientos ideológicos” (Swiggers, 2019, p. 28). Especialmente sobre “*las actitudes*” acerca da língua e seu ensino, a problema da redação, por exemplo, é descrito por Alves, no corpo de sua Pedagogia do Prazer, não como forma de testar a capacidade expressiva do indivíduo, mas como mecanismo por meio do qual se possa apreender uma dada inteligência que se revela:

Esta é a razão da importância atribuída à redação. O objetivo principal da redação não era e não é testar o conhecimento da mecânica da língua. Sua função principal é revelar as formas de pensamento do aluno, pois é através da linguagem que os processos mentais, as várias inteligências, revelam-se. (Alves, 2012, p. 14)

Cabe lembrar que, ao retornar para o Brasil em 1969, após os estudos nos EUA, Rubem Alves passa a lecionar no Instituto Presbiteriano Gammon (Lavras – MG), no Seminário Presbiteriano de Campinas, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNESP de Rio Claro e na Faculdade de Educação da Unicamp, onde foi agraciado com o título de *Professor Emérito*. Em todas essas instituições, o autor refletiu profundamente sobre os testes por meio

dos quais os estudantes eram selecionados aos cursos de graduação. Para o educador mineiro, configurou-se sempre de maior importância a expressão criativa e sincera do pensamento do que o mero domínio de técnicas gramaticais ou textuais. Não se pode afirmar que Alves seja um crítico ferrenho da norma padrão da língua, mas é relativamente fácil depreender de seus textos que o tecnicismo não deve funcionar como camisa de força, suplantando a liberdade criativa do estudante.

Entrementes, no tocante ao aspecto linguístico e historiográfico, há que repisar aqui a proposta de K. Koerner, pois também não se defende “que a história da linguística deveria ficar meramente servil à disciplina, mas que teria que estabelecer-se como exercendo uma função comparável com aquela da história da ciência para o cientista natural” (Koerner, 2014, p. 40). A historiografia linguística, então, também estaria a serviço da compreensão epistêmica das propostas ideológicas dos pensadores vários da história cultural brasileira, como aqui se tenta fazer com Rubem Alves.

Em suas contribuições para o pensamento pedagógico brasileiro, o autor em tela se opõe fortemente à ideologia das abstrações por si mesmas, da análise pela análise, do suposto capitalismo introjetado na pedagogia do mérito. Ao qualificar a competição do vestibular de “maratona safada”, Alves (2012, p. 14) afirma o seguinte:

Frequentemente o diagnóstico da doença é mais fácil que a cura. É o caso dos vestibulares. Lembra-me o *Titanic*: o número de passageiros era maior que o número de botes salva-vidas. O naufrágio inevitável exigiu que se estabelecesse um critério cruel para separar os que seriam salvos dos que teriam de morrer. Assim é a situação do ensino universitário: as vagas são em número menor que os candidatos. Alguns serão impedidos de entrar.

Vê-se que o autor, para defender sua perspectiva ideológica, não entra em pormenores sobre o que chama de “critério cruel” na escolha de quem desceria antes nos botes salva-vidas, escapando da tragédia do *Titanic*. Curiosamente, sabe-se que esse critério era o padrão da época (talvez ainda o seja): *mulheres e crianças primeiro; homens depois*. Embora de fato cruel para os homens (os machos da espécie), há que reconhecê-lo nobre, quiçá bonito. O que Alves critica, no entanto, é que alguém teria que ficar de fora. Posteriormente, no mesmo livro, chegaria a advogar a tese do sorteio, que não deixa de representar também uma certa crueldade. A diferença é que essa *crueldade* não provém de atitude deliberada dos homens na escolha de uns e eliminação de outros, mas sim das mãos impassíveis do destino, o qual não agasalha qualquer sentimento de culpa.

A proposta ideológico-pedagógica do autor, como já se disse, é o prazer, a alegria e a paz de estudar: “o olhar manso, a paciência de ouvir, o prazer em cooperar” (cf. Alves, 2007).

Nesse sentido, utiliza-se de associações morfológicas e semânticas em certos itens lexicais. *Grade curricular*, por exemplo, seria algo negativo porque o conteúdo semântico de *grade* apontaria para *gaiola*, *prisão*, aprisionando os pássaros (alunos), que estariam conseqüentemente impedidos de alçar voo. Há também crítica às demarcações de tempos e disciplinas, visto que o prazer de estudar e aprender é *quebrado* quando uma aula termina e outra vem em seguida, com uma abordagem completamente distinta. O autor sugere que não há como implementar atividades prazerosas com os horários de aula previamente demarcados, havendo um corte brusco entre propostas e matérias diversas.

Em síntese, o que se observa em Alves é uma forte crítica ao pragmatismo educacional, à meritocracia, aos métodos rígidos que, segundo ele, impediriam a criança de ser ela mesma, descobrindo, de forma livre, seus próprios caminhos, daí as alusões regulares ao filme “Sociedade dos Poetas Mortos”¹, cuja proposta ideológica é precisamente a mesma. A crítica ao pragmatismo fica explicitada neste exemplo oferecido pelo autor:

Uma sonata de Scarlatti é útil? E um poema? E um jogo de xadrez? Ou empinar papagaios?
Inúteis.
Ninguém fica mais rico.
Nenhuma dívida é paga.
Por que nos envolvemos nessas atividades, se lhes faltam a seriedade do pragmatismo responsável e os resultados práticos de toda atividade técnica? É que, muito embora não produzam nada, elas produzem o prazer. (Alves, 2012, p. 34)

Se não são prazerosas as atividades escolares, a criança naturalmente perde a atenção; e essa desatenção da criança “não quer dizer que ela tenha dificuldades de aprendizagem. Quer dizer que há alguma coisa errada com a escola, e que a criança ainda não se dobrou, recusando-se a ser domesticada” (Alves, 2012, p. 38). A escola, portanto, é fotografada pelo autor como espaço hostil, onde os grandes (educadores) se levantam contra os pequenos (alunos). A escola passa a representar “instituições dedicadas à destruição das crianças. Algumas, de forma brutal. Outras, de forma delicada” (Alves, 2012, p. 35).

URUBUS E SABIÁS

¹ Lançado em 1989, com direção de Peter Weir e interpretação marcante de Robin Williams, o filme “Sociedade dos Poetas Mortos” narra a história do professor John Keating (Williams) ao iniciar seus trabalhos em uma tradicional escola preparatória para meninos na década de 1950. Profundamente carismático, o professor usa métodos pouco ortodoxos para envolver os estudantes, que enfrentam pressões de seus pais e da própria instituição. Com ajuda de Keating, os alunos Neil Perry, Todd Anderson, Knox Overstreet e outros são levados a descobrir suas vocações e lutar pelos seus sonhos.

O primeiro e mais sintético dos dois tópicos centrais deste ensaio reside na fábula *Urubus e Sabiás*, que não é de grande extensão, por isso transcrita abaixo na íntegra.

Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam... Os urubus, aves por natureza becadadas, mas sem grandes dotes para o canto, decidiram que, mesmo contra a natureza, haveriam de se tornar grandes cantores. E para isso fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram do-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, para ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão para mandar nos outros. Foi assim que eles organizaram concursos e se deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu titular, a quem todos chamam por Vossa Excelência. Tudo ia muito bem até que a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida. A floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas com os sabiás... Os velhos urubus entortaram o bico, o rancor encrespou a testa, e eles convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito.

– Onde estão os documentos dos seus concursos?

E as pobres aves se olharam perplexas, porque nunca haviam imaginado que tais coisas houvesse. Não haviam passado por escolas de canto, porque o canto nascera com elas. E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, mas cantavam, simplesmente...

– Não, assim não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem.

E os urubus, em uníssono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás...

Moral: Em terra de urubus diplomados não se ouve canto de sabiá. (Alves, 2012, p. 59)

Cabe aqui ressaltar que não se enxerga o processo ideológico, ou o conceito de ideologia, impregnado de certa carga pejorativa. Adota-se aqui, juntamente com Louis Althusser (*apud* Vaquera, 2018), a ótica segundo a qual a ideologia é a própria maneira como um indivíduo existe em relação indelével com a sociedade.

São justamente as leis sociais, o *topos* social de autoridade e hierarquia, que Rubem Alves examina criticamente na fábula *Urubus e Sabiás*. Nas relações e conexões metafóricas, os urubus não têm talento, não nasceram com o dom artístico de cantar (escrever); mas se esforçaram, contrataram professores, estudaram e dominaram, mecanicamente, a norma padrão da língua, conseguindo seus diplomas e a chancela da sociedade. Em termos institucionais, os urubus estão legitimados na academia dos cânticos (escritos) da floresta (metáfora do universo acadêmico).

E o sonho de cada urubu em início de carreira é tornar-se, um dia, um cantor (professor) titular, ainda que sem o dom natural, o talento exigido para isso. Mas de repente a paz da floresta (academia) é abalada pela chegada de pintassilgos, canários e sabiás, que não tinham qualquer pretensão hierárquica: não queriam cargos, títulos, não tinham diplomas; só sabiam cantar

(escrever); gozavam da alegria, do prazer de escrever sem necessidade de concursos públicos ou amparo da norma padrão da língua. Jamais precisaram de documentos que comprovassem seu talento para a escrita, mas cantavam (escreviam) simplesmente.

É neste momento que a crítica de Rubem Alves se faz mais contundente e sua verve revolucionária e libertária vem à tona. Todos sabemos que não basta talento. Ninguém se inscreve em concursos públicos para dar aulas e escrever (cantar) numa universidade (floresta) apenas com talento, o dom de escrever bem (cantar bem). O que nos legitima e autoriza, em termos institucionais, são mesmo nossos diplomas. Entre um sabiá (escritor) talentoso sem diploma e um urubu (professor) diplomado, quem se inscreve para o direito de escrever é o urubu, pois “cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem” (Alves, 2012, p. 59). Uma injustiça com os pobres passarinhos talentosos que só queriam cantar, sem dúvida, mas é assim que funciona a floresta; ou, desfazendo a metáfora, a universidade ou sociedade – uma sociedade, universidade triste, pelo prisma do educador mineiro. Valorizam-se mais carimbos e diplomas, o domínio de técnicas gramaticais e a norma padrão da língua do que a capacidade inata que um indivíduo tem para escrever. Uma escrita que, no dizer de Alves, só será bem feita se houver prazer na execução.

São felizes pintassilgos, canários e sabiás porque cantam (escrevem) com prazer, e para isso não há necessidade de diploma ou técnicas mecanicistas. São tristes – carrancudos, medíocres – os urubus, cuja principal preocupação é alcançar os postos mais altos na hierarquia acadêmica e mandar nos outros. Uma vez expulsos os passarinhos (professores) que cantavam (escreviam) sem diploma, sem a comprovação técnica da norma de referência da língua, a floresta (universidade) voltou, no pensamento de R. Alves, à mesmice, novamente comandada pelos urubus (professores) e seus cantos (escritos) sem graça.

PINÓQUIO ÀS AVESSAS

Obra publicada em 2009, pela Editora Verus, a edição aqui consultada e referida é do ano posterior, pela mesma editora, com ilustrações de Mauricio de Sousa. A linha ideológica do texto é a que percorre toda a obra pedagógica de Rubem Alves: a tese de que a escola tradicional acaba por minar a capacidade criativa do educando, na medida em que o enquadra em esquemas de aprendizado e escrita previamente construídos, cabendo-lhe inserir-se neles, ainda que se sacrifiquem seus sonhos:

Todos sabem que o objetivo da educação é executar a terrível transformação: fazer com que as crianças se esqueçam do desejo de prazer que mora nos seus corpos selvagens, para transformá-las em patos domesticados, que bambolem ao ritmo da utilidade social.” (Alves, 2012, p. 110)

Foi o que a escola fez com Felipe, personagem central do livro. Trata-se de um menino apaixonado por pássaros, os quais ocupam grande parte do seu pensamento – “pensamentos errados” –, segundo a escola, pois Felipe deveria ocupar sua mente com as ideias que o levassem a alcançar o êxito idealizado pelos pais: a inserção no mercado de trabalho. Pais e escola são, por assim dizer, os antagonistas da história, pois impõem a Felipe um destino que se distancia dos seus sonhos. A criança, na ótica do educador mineiro, é impedida de sonhar, de alçar voo em busca daquilo que verdadeiramente é. Os pais se encarregam de “sonhar” pela criança:

Quando Felipe nasceu, foi uma alegria. Seu pai e sua mãe logo começaram a fazer planos para o seu futuro. Os pais sempre fazem planos para o futuro dos filhos. Sonhavam que Felipe seria muito inteligente, muito bom aluno, tiraria notas boas na escola, passaria no vestibular, entraria na universidade e seria, quem sabe, um cirurgião famoso, ou um grande cientista, ou um bem-sucedido administrador de empresas! (Alves, 2010, p. 12)

Para alcançar os objetivos que estabelecem para o filho, os pais de Felipe o matriculam numa boa escola, cuja função é prepará-lo para a vida adulta: estudar, tirar boas notas, passar no vestibular, fazer faculdade e tornar-se um profissional de sucesso. No dizer do autor, trata-se de objetivos que se chocam com os sonhos infantis, o que põe em xeque uma hipotética felicidade vindoura. Se Felipe é um apaixonado por pássaros, precisa deixar essa paixão de lado, pois “cuidar de passarinhos não é uma atividade produtiva. Não se faz vestibular para ser cuidador de passarinhos” (Alves, 2010, p. 24).

Interessante notar que a ficção do autor desconsidera que há, sim, vestibular para cuidador de passarinhos. O indivíduo pode tentar Biologia, com área de concentração em Zoologia, ou tornar-se um médico veterinário especialista em aves e animais silvestres; mas não há no livro essas alternativas. O romantismo de Alves o leva a idealizar uma escola metaforizada no bonito sonho de Felipe:

Felipe dormiu e teve um lindo sonho. Sonhou com a escola. Sonhou que os professores eram pássaros que ensinavam a voar. Cada pássaro-professor ensinava a voar de um jeito. Há muitos jeitos de voar: o jeito dos beija-flores, o jeito dos urubus, o jeito das pombinhas, o jeito dos sabiás... Havia pássaros-professores que ensinavam a linguagem dos pássaros, e outros que ensinavam a cantar como pássaros. Ele e os amigos eram aprendizes de pássaros. (Alves, 2010, p. 25)

É disto que se trata: a ideologia pedagógica de Rubem Alves – Princípio de Prazer, Alegria e Liberdade –, poupando-se os estudantes do sacrifício que seria admitir que pais e professores talvez tenham melhores condições (ou experiência) para apontar caminhos. Na escola proposta por Alves, cabe aos professores mediar os talentos individuais de cada

estudante. O sonho de Felipe na verdade é o sonho de Rubem Alves: se cada aluno voa de um jeito, cada professor (“pássaro-professor”) deve ensinar a voar de um jeito, em conformidade com os talentos e propensões dos educandos. Afinal, existem “muitos jeitos de voar”.

Quando se fala em *Pinóquio às Avessas*, deve-se recordar que o personagem Pinóquio, do italiano Carlo Collodi (24/11/1826 – 26/10/1890), que escreveu *As Aventuras de Pinóquio* em 1883, nasce um boneco de madeira e sonha transformar-se em um menino de verdade, de carne e osso. Para realizar esse sonho, é preciso que Pinóquio pare de mentir, de fazer travessuras e que estude, pois, na ótica crítica de Alves, só a escola pode transformar Pinóquio em menino de verdade, devidamente inserido e útil à sociedade, ou Felipe em um ser humano também enquadrado socialmente, que perdeu seus sonhos mais significativos.

A personagem original de Collodi pouco tem a ver com a questão escolar ou com a versão eufemística consagrada pelos Estúdios Disney. Todavia, para os propósitos deste ensaio, importa notar que a exigência maior, para que Pinóquio se transforme em garoto de carne e osso, é que seja disciplinado, que se concentre, seja dedicado e obediente. Eram justamente as dificuldades de Felipe, que, encantado com o mundo dos pássaros, a princípio tem dificuldades de concentração. Neste ponto da releitura de Alves, aparece uma crítica relevante à patologização das crianças, hoje muito em voga nas creches e séries infantis:

O professor mandou Felipe para a psicóloga, que diagnosticou “distúrbio de atenção”. Felipe não conseguia concentrar a atenção nos pensamentos que deveriam ser pensados, os pensamentos que o professor falava. Distúrbio de atenção é quando a atenção está no lugar onde o coração deseja, e não no lugar onde o professor manda. (Alves, 2010, p. 38)

O “distúrbio”, no caso, reside no fato de Felipe não dedicar a atenção devida às aulas, às palavras do professor, pois o coração estava em outro lugar: sua paixão pelos pássaros.

Mas Felipe não era Pinóquio: não se rebelou ou reagiu violentamente, como a personagem original de Carlo Collodi; sequer agiu com inocente travessura, como o boneco adaptado pela Disney. Obediente e dedicado, passou a prestar atenção às aulas, às palavras do professor; decorou nomes, conceitos e fórmulas; daria orgulho a seus pais:

No vestibular, o grande exame dos nomes, Felipe foi o primeiro colocado. Sua fotografia apareceu nos outdoors da cidade. Seus pais ficaram muito orgulhosos. O filho deles era muito inteligente! O filho deles sabia muitos nomes!

Nesse ponto, fazia muito tempo que Felipe se esquecera do pássaro azul e de seu desejo de ser cuidador de pássaros. A coisa mais importante que aprendera é que é preciso entrar no mercado do trabalho. Acontece que passarinhos livres não voam no mercado de trabalho... Não podem ser vendidos. Trocou-os, então, por aves – frangos – que circulam no mercado de trabalho, lugar onde se vende e se compra. Felipe se tornou um grande

especialista em frangos. Frangos mortos. Podia agora dar uma resposta à pergunta que seu pai lhe fizera: “O que é que você vai ser quando crescer?” Agora Felipe era um especialista em frangos de corte. Lá vinham eles, mortos, dependurados numa longa correia que se movimentava, mergulhados na água fervente, depenados, estripados, cortados, moídos, transformados em linguiça... Felipe tinha uma profissão. Seria um orgulho para seus pais. (Alves, 2010, p. 40-41)

O Pássaro Azul, metáfora da Fada Azul da clássica história italiana, fora esquecido por Felipe. No entanto, mesmo esquecido, esse pássaro ganha em ressignificação, o que aponta para a formação psicanalítica de Rubem Alves: sonhos não morrem; escondem-se “mais abaixo dos subterrâneos” (Andrade, 2002, p. 73), mas sempre ressurgem, mais dia, menos dia, às vezes de modo enviesado. O desejo de cuidar dos pássaros sofre uma radical metamorfose, uma vez que Felipe passa a ser uma espécie de *assassino* de pássaros; no caso, de frangos, pois “passarinhos livres não voam no mercado de trabalho”. A galinha é um pássaro que não voa, que se permite aprisionar e abater. Felipe se torna um destaque no mercado de trabalho, como sonharam seus pais e a escola: um respeitado empresário da avicultura de corte. Estava, finalmente, inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Simone Bonnafeous (*apud* Charaudeau e Maingueneau, 2004) delimita o vocábulo *ideologia*, no campo da filosofia política e ciências sociais, como um sistema geral de interpretação do mundo – representação da realidade circundante segundo certos princípios enraizados historicamente. Isso equivale a dizer que a ideologia tem historicidade, é impregnada de componentes históricos, de marcas sociais (cf. *op. cit.*, p. 267).

Dessa forma, não é possível separar a proposta ideológico-pedagógica de Rubem Alves de sua história: das origens da Teologia da Libertação, da sua atuação com pastor presbiteriano, sua formação psicanalítica, a teologia norte-americana de Richard Shaull. É na conjunção desses fatores que se pode observar sua pedagogia do prazer, cujos pressupostos residem na *libertação* do estudante das garras da escola, esta vista como agente a serviço do capitalismo pragmático, metodológico e meritocrático.

Nas interpretações psicanalíticas freudianas, Alves vai buscar a pedagogia do corpo, do prazer corpóreo, do erotismo e da felicidade. Porém o corpo (ou estômago), diante de um produto contaminado, faz força para expulsá-lo de si mesmo, vomitá-lo. É o que faz, na perspectiva de Rubem Alves, o estudante em face de um conteúdo pedagógico *estragado*, que em nada soma para o seu prazer afetivo. A falta de interesse do aluno diante da pedagogia tradicional, o silêncio e o esquecimento diante das lições também são uma forma de vômito:

Mas eu creio que só aprendemos aquelas coisas que nos dão prazer. Fala-se no fracasso absoluto da educação brasileira, os moços não aprendem coisa alguma... O corpo, quando algo indigesto para no estômago, vale-se de uma contração visceral saudável: vomita. A forma que tem a cabeça de preservar a sua saúde, quando o desagradável é despejado lá dentro, não deixa de ser um vômito: o esquecimento. A recusa em aprender é uma demonstração de inteligência. O fracasso da educação é, assim, uma evidência de saúde e um protesto: a comida está deteriorada, não está cheirando bem, o gosto está esquisito... (Alves, 2012, p. 113)

O fracasso do aluno, portanto, seria na verdade o fracasso da escola, dos professores, que não encontraram a fórmula (*mágica?*) de oferecer ao estudante algo que lhe seja interessante ou prazeroso. Essa *Ideologia do Prazer*, que também é *Pedagogia do Prazer* (visto que uma proposta pedagógica é também proposta ideológica), aparece na fábula *Urubus e Sabiás*, texto de viés revolucionário, posto que defende a liberdade de cantar (escrever) sem as amarras da norma padrão e a necessidade de autorização superior (diplomas e concursos). Aparece também, e de modo mais enfático, em *Pinóquio às Avestas*, na figura de Felipe, uma criança, um adulto, um senhor cujos sonhos foram destruídos pela escola tradicional e pragmática. E sua ressurreição afetiva – a ressurreição dos sonhos – só se daria, psicanaliticamente, num retorno onírico à infância:

Passaram-se muitos anos. Felipe não era mais jovem. Seus cabelos estavam grisalhos. E, numa bela noite, teve um sonho diferente. Sonhou que a Fada Azul, da estrela onde morava, o viu, com suas asas de borboleta desceu até ele e com sua varinha mágica tocou-lhe a cabeça. Um arco-íris apareceu no céu e – pim-pam-pum! – num passe de mágica ele descobriu o nome do pássaro azul. E então voltou a ser o menino que um dia fora. Nesse momento, uma onda de felicidade encheu sua alma... (Alves, 2010, p. 46)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar**: o fim dos vestibulares. Campinas - SP: Papirus, 2012.

ALVES, R. Formação do educador. **Revista Educação**, 2007. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2023/08/31/formacao-educador-rubem-alves/>. Acesso em: 23 set. 2024.

ALVES, R. **Pinóquio às avestass**. Campinas - SP: Verus, 2010.

ANDRADE, C. D. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

CAVALCANTE, R. P. A teologia protestante de Rubem Alves: proto-história da teologia da libertação. **Numen – Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, V. 23, nº.1, Juiz de Fora - MG, 2020.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

KOERNER, E. F. K. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. Vila Real: Centro de Estudos em Letras – Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, 2014.

SWIGGERS, P. Ideologia lingüística: dimensiones metodológicas e históricas. **Revista Confluência**. Rio de Janeiro, 2019.

VAQUERA, M. L. C. Sobre el concepto “ideología” y su repercusión en la epistemología lingüística. **Circula – Revue d'idéologies linguistiques**, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17118/11143/15549>. Acesso em: 23 set. 2024.

VOGT, C. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: Hucitec, 1980.

O AUTOR

Fernando Vieira Peixoto Filho: Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pós-Doutorando em Historiografia Linguística pela Universidade Federal Fluminense. Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (*Campus Nova Iguaçu*), leciona as disciplinas Morfossintaxe da Língua Portuguesa e Sintaxe da Língua Portuguesa, além de liderar o Grupo Multidisciplinar de Investigações Linguísticas (GMIL-UFRRJ-CNPq), onde atua nas linhas de pesquisa Ensino de Gramática e Sintaxe do Português. Pela editora Lexikon, publicou a segunda edição da obra *Morfossintaxe do Português* (2021); e pela editora Barra Livros, publicou a obra *Estratégias de Contraponto na Argumentação* (2024).

E-mail: peixotofilho@ufrj.br